

O pensamento complexo de Edgar Morin e seus nexos com o trabalho do Profissional da Ciência da Informação

Orledys María de Jesús López Caldera
Oswaldo de Francisco Almeida Júnior

Como citar: CALDERA, Orledys María de Jesús López; JÚNIOR, Oswaldo de Francisco Almeida. O pensamento complexo de Edgar Morin e seus nexos com o trabalho do Profissional da Ciência da Informação. In: MOREIRA, Fábio Mosso *et. al.* (org.). Transversalidade e verticalidade na Ciência da Informação. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2025. p.333-350. DOI: <https://doi.org/10.36311/2025.978-65-5954-613-8.p333-350>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

CAPÍTULO 18

O PENSAMENTO COMPLEXO DE EDGAR MORIN E SEUS NEXOS COM O TRABALHO DO PROFISSIONAL DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

*Orledys María de Jesús López Caldera¹ e
Oswaldo de Francisco Almeida Júnior²*

INTRODUÇÃO

A mediação da informação, como ocorre hoje, é muito diferente da dinâmica de dez, vinte ou trinta anos atrás. O que dizer dos elementos e dispositivos informacionais, culturais e comunicacionais fundamentais no tempo de nossos avós, quando não havia imediatismo, difusão e ampla gama de dispositivos tecnológicos que agora encurtam distâncias e temporalidades. Hoje, ao contrário, temos que lidar constantemente com o inesperado, o imprevisto, o complexo, o global e o planetário. Ainda, as representações culturais e as estruturas mentais herdadas são ordenadas seguindo as sequências de ordem, regularidade e linearidade com a intenção de alcançar alguma certeza na produção, gestão e apropriação do conhecimento, como estratégia para enfrentar fenômenos típicos da vida

¹ Doutoranda em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. E-mail: orledys.lopez@unesp.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1883355603481896>.

² Doutor em Ciência da Comunicação. Professor na Universidade Estadual Paulista – UNESP. E-mail: ofaj@ofaj.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3629-7435>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1049186978910803>.

cotidiana, em que o contexto muda constantemente devido ao surgimento de diversas circunstâncias e os problemas têm alcance global.

Historicamente, a escola e os modelos educacionais têm sido utilizados como dispositivo, por excelência, para criar, repensar e transmitir conhecimentos, até mesmo para impor ideologias ou perspectivas de ver a vida. Atualmente, a teoria da complexidade clama pelo ato de repensar os fundamentos que regem o comportamento humano, sendo essencial promover em nossas sociedades, impactadas pela explosão de informação e conhecimento, os princípios do viver cívico com o resto dos homens e em harmonia com nosso entorno e meio ambiente.

Nessa ordem de ideias, é a escola a grande responsável pela formação cidadã dos novos indivíduos e profissionais que fazem a vida em nossa sociedade e que, como cidadãos, precisam vislumbrar o mundo, suas ideias e incertezas a partir de uma perspectiva aberta, que lhe permite sair do individualismo a que está submetido, em consequência de viver cercado de pessoas com as quais dificilmente se relaciona ou com quem os vínculos são superficiais ou inexistentes.

Entre os autores que mais rejeitam o individualismo está Hegel, cujo sistema filosófico propõe os conceitos de relação e dialética, argumentando que todo indivíduo que permanece isolado é um alienado que carece de verdade, ou seja, o indivíduo só tem a verdadeira realidade quando se nega a aderir ao universal, ou seja, quando interage, por exemplo, com a família, a sociedade civil, os grupos sociais, políticos, religiosos ou culturais etc.

Entre os desafios mais difíceis, repensar e redesenhar o modelo educacional tradicional e a atuação do profissional da informação, que como mediador da informação precisa de flexibilidade e abertura para repensar paradigmas e perspectivas, é um imperativo a fim de tornar a responsabilidade mais fácil e eficaz para enfrentar a complexidade, com o imediatismo, a imprevisibilidade e a globalidade que caracterizam a pós-modernidade que desmorona costumes, hábitos, formas de pensar e imaginar.

Nesse sentido, é necessária uma transformação nos processos de geração, análise, disseminação e apropriação do conhecimento, como produ-

to de um processo em que todo pensamento é reconsiderado e tudo o que se sabe ou se acredita saber é questionado. Assim, este trabalho objetiva apresentar discussões, reflexões e aproximações teóricas acerca das instituições educativas, da mediação e do papel social do profissional da informação e dos educadores.

Entende-se ser necessário propor um redesenho e/ou autoavaliação crítica sobre a práxis do profissional da informação e neste estudo considera-se essencial incluir os sete saberes necessários para a educação do futuro, propostos por Edgar Morin. Tais ideias serão apresentadas e desenvolvidas ao longo do trabalho dividido em 2 tópicos, assim denominados: o paradigma do pensamento complexo e os sete saberes necessários à educação de Edgar Morin: nexos com a atuação do Profissional da Ciência da Informação.

O PARADIGMA DO PENSAMENTO COMPLEXO

O Paradigma da Complexidade, além de ser considerado como uma teoria, deve ser considerado como um modelo necessário para compreender a humanidade, a partir do questionamento do que é entendido e concebido como realidade. Essa postura de abertura e flexibilidade ao pensar pode possibilitar que contextos sejam abordados localmente e globalmente, ou seja, a partir de um paradigma complexo e de forma mais pertinente.

Nesse sentido, o termo “*complexus* significa o que é tecido junto” (Morin, 1999, p. 15), é utilizado pelo autor para explicar o que é constituído por vários elementos inseparáveis, interativos e interdependentes que compõem um todo. Da mesma forma, Morin defende que, para melhor compreender o complexo, é fundamental dissipar duas ilusões: a primeira é deixar de acreditar que o pensamento complexo se refere à eliminação da simplicidade, pois busca realmente incluir a ordem e a clareza que se alcança através da simplicidade. A segunda ilusão refere-se a confundir pensamento complexo com completude, pois, apesar de aspirar ao conhecimento multidimensional, tem consciência da impossibilidade de alcan-

çar a completude, pois acreditar nessa possibilidade levaria à cegueira e cairia no reducionismo (Morin, 2007, p. 22-23).

Assim, com o exposto e em busca do tema de interesse deste artigo, pode-se afirmar o quanto seria conveniente para a práxis do profissional da informação conhecer, investigar e praticar a abordagem do pensamento complexo, como possibilidade de oferecer uma visão ampla e nutrida em torno da pluralidade de realidades existentes. Esse olhar não escapa ao sistema educacional, de forma que lhe permita abordá-las com maior relevância, eficiência e significado.

Para estudar o pensamento complexo como base epistemológica para o desenvolvimento de uma práxis profissional da informação, convém vislumbrar reflexivamente parte do cenário que Edgar Morin nos apresenta, começando por abordar os seguintes aspectos:

O princípio hologramático: como alternativa à superação do reducionismo e do holismo, Morin (2015, p. 74) retoma o legado de Pascal e introduz o conceito do princípio hologramático para a compreensão da realidade, destacando que:

[...] Em um holograma físico, o menor ponto da imagem do holograma contém quase todas as informações do objeto representado. Não apenas a parte está no todo, mas o todo está na parte. O princípio hologramático está presente no mundo biológico e no mundo sociológico. No mundo biológico, cada célula do nosso organismo contém a totalidade da informação genética desse organismo. A ideia do holograma transcende então o reducionismo que vê apenas as partes, e o holismo que vê apenas o todo [...].

A partir desse princípio, a visão da realidade permite ampliar o panorama da pessoa e do processo de aprendizagem, levando em consideração os fatores afetivos, sociais e culturais que compõem o ambiente pessoal e contribuem para a construção do próprio conhecimento. Tal concepção abre múltiplas possibilidades de compreender fenômenos e saberes, a partir da possibilidade de conviver respeitando e compreendendo a diversidade,

refletindo sobre a própria existência e como ela faz parte de um universo complexo e multirrelacional, no qual a menor ação pode gerar consequências incertas para o todo, sendo possível um enriquecimento mútuo sem exclusão de nada.

Nesse ponto, é importante destacar a importância do aprofundamento de um projeto humanizador do mundo, que impeça ou reduza as possibilidades de mutilação de concepções capazes de levar à fragmentação do conhecimento e da realidade e, conseqüentemente, à autoagressão, à destruição de uns contra os outros.

O princípio dialógico abre a possibilidade de convivência entre realidades diversas e antagônicas, favorecendo uma concepção mais humanizada da pessoa, da sociedade e do mundo. No contexto educacional e na prática do profissional da informação, pode ser traduzido em pluralidade, autenticidade, diversidade e o que há de especial em cada ser humano, como condições que contempladas tornam os ambientes e as relações mais harmoniosas pelo respeito à alteridade. Assim, a confiança para expressar diferenças não gerará exclusão ou preconceito.

Ambientes educacionais e outros espaços de atuação dos profissionais da informação, cujo princípio dialógico é praticado, podem contribuir significativamente para melhorar a criatividade, a motivação e a participação dos alunos em um processo de aprendizagem próprio e compartilhado com outros.

O Princípio da recursão destaca a concepção dialógica e hologramática como aspectos que compõem a realidade. É possível contemplar a existência de várias possibilidades que questionam e até quebram a lógica linear de causa-efeito, defendendo a ideia de que tudo pode ser produto e produtor ao tempo. Esse argumento se assemelha à crítica Freireana à pedagogia bancária, defendendo a ideia de que “ninguém educa a ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1988, p. 68).

Nessa perspectiva, os saberes e as verdades surgem de múltiplas fontes das quais até os alunos podem ser os protagonistas, articuladores

e mediadores do conhecimento que é produzido. Cada participante pode ser concebido como parte de um ciclo em si, ou seja, o autoconstitutivo, auto-organizado e autoprodutivo.

A compreensão multidimensional se volta para compreender os diversos campos que compõem os seres sociais e históricos. Existem diversos elementos que compõem as dimensões do ser e nesse ponto, o autor destaca que “unidades complexas como o ser humano e a sociedade são multidimensionais; o ser humano é ao mesmo tempo biológico, psíquico, social, afetivo, racional. A sociedade tem dimensões históricas, econômicas, sociológicas e religiosas” (Morin, 1999, p. 15). Em outras palavras, a realidade complexa que invade nosso ser e nosso mundo exige uma educação e um profissional da informação que facilite e promova a capacidade de abordar os problemas de uma perspectiva crítica e multidimensional, para que os limites gerados pela segmentação do conhecimento possam se articular com a diversidade assomada do fazer pedagógico

A incerteza se refere a contemplar a realidade imbuída de incerteza a partir do lugar onde estamos, o que somos e o que fazemos (ser-ser-fazer). Nessa perspectiva, o conhecimento não está isento de incerteza, pelo contrário, na maioria dos casos, o conhecimento é alcançado, reformulado e melhorado a partir de incertezas. Dessa forma, o autor defende que “a realidade não é facilmente legível. As ideias e teorias não refletem, mas traduzem a realidade, que podem traduzir de maneira errônea. Nossa realidade não é outra senão nossa ideia da realidade” (Morin, 2000, p. 85).

Assim sendo, na perspectiva da incerteza, Morin (2000, p. 86) propõe uma estratégia baseada na ecologia da ação, como possibilidade de educar em meio à incerteza, consciente dos riscos, dos imprevistos, das decisões, dos acasos, das transformações, entre outros elementos que caracterizam a incerteza. Por fim, o autor reconhece que a incerteza pode e deve ser combatida, sem tentar eliminá-la a longo prazo. Para ele, pode-se alcançar certezas entendendo que “o conhecimento é a navegação em um oceano de incertezas, entre arquipélagos de certezas” (Morin, 1999, p. 46). Portanto, serão evitadas exposições de verdades absolutas e considerar pro-

jetos e concepções que fujam das abordagens tradicionais, com as quais novos conhecimentos podem ser gerados.

Para encerrar esta seção, é fundamental destacar a importância do profissional da informação e do sistema educacional para compreender e praticar a abordagem sobre a ética da complexidade, que defende o argumento de que o todo e as partes afetam um ao outro. Isso contraria o individualismo e o egoísmo que prevalecem na sociedade, um individualismo generalizado que afeta a dignidade e a qualidade de vida de muitas pessoas e famílias que vivem fora das possibilidades e oportunidades de desenvolvimento.

É fundamental questionar como, em nome do progresso econômico e científico, conservar a terra, garantir a dignidade e o respeito aos direitos fundamentais de todos os seres humanos, que continuam vivendo em extrema pobreza, passando fome e sem acesso à saúde ou à educação de qualidade, apesar das grandes descobertas científicas e projetos econômicos.

Assim, apontam-se para caminhos que possam repensar e redesenhar a atuação do profissional da informação que, como mediador da informação, precisa repensar paradigmas e perspectivas, a fim de enfrentar a complexidade, o imediatismo, a imprevisibilidade e a globalidade própria da pós-modernidade.

OS SETE SABERES NECESSÁRIOS À EDUCAÇÃO DE EDGAR MORIN: NEXOS COM A ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Os contínuos avanços tecnológicos, a conectividade, os conteúdos hiperativos das redes juntamente com as estruturas econômicas globalizadas, até mesmo o dinamismo que envolve a atividade humana com suas múltiplas demandas complexas, em que o papel da educação é fundamental para responder e tentar resolver as incertezas, tornam necessário questionar a desigualdade na distribuição da riqueza, os altos custos de vida e as crescentes taxas de pobreza que se traduzem em graves conflitos sociais.

Tal cenário estimula o surgimento das seguintes questões: nestes tempos de mudança, os fundamentos tradicionais do sistema educacional e da Ciência da Informação têm um papel preponderante na conscientização de cidadãos mais humanos? Será suficiente uma nova postura dos educadores e profissionais da informação para promover uma nova consciência cidadã, mais humana, ou seja, um ser humano que compreenda e pratique a humanidade da humanidade?

Para responder a essas perguntas, pode-se começar refletindo sobre como existem atualmente múltiplas facilidades para acessar informações sem a necessidade de frequentar uma instituição de ensino, ou receber o apoio e atenção de um profissional da informação. Da mesma forma, o uso de bibliotecas, arquivos e museus sofreu grandes mudanças em torno da exigência, acesso e uso da informação. A conexão com a Internet possibilitou conectividade constante, acesso e transferência de informações imediatas, sem limites de tempo ou espaço. Isso possibilitou que hoje grande parte das atividades e práticas humanas sejam realizadas com o apoio de dispositivos.

Em torno do cenário descrito acima, a concepção do pensamento complexo e sua aplicação por educadores e profissionais da Ciência da Informação pode ser uma contribuição significativa, quando abordada nos contextos educacional, social, cidadão e comunitário. Conforme Santos e Sousa (2021, p. 83),

é preciso que mediadores(as) da informação, arquivistas, bibliotecários(as) e museólogos(as) façam um estudo profundo que respalde suas atuações, visando analisar seu contexto, o perfil dos(as) usuários(as) e a realidade e as necessidades desses sujeitos, entre outras questões que podem ser refletidas.

Defende-se a ideia de que essa atitude de estudos e reflexão exercida pelos profissionais da informação possa elevar os níveis de motivação entre os participantes e alcançar uma melhor inter-relação entre todos os membros da sociedade. Nessa perspectiva, é possível pensar que a atuação

do profissional da informação pode ser fortalecida em prol do desenvolvimento social, a partir da reflexão e prática da proposta de Edgar Morin, apresentada em “Os sete saberes necessários à educação”, abordagem que será discutida a seguir.

“A cegueira do conhecimento: erro e ilusão” é o primeiro capítulo do livro de Morin, apresentando um corpo de reflexões que questionam a educação e os envolvidos no sistema educativo, por não ter aproveitado a máxima potência das ferramentas pedagógicas e educativas disponíveis a favor de aumentar e fortalecer a motivação das pessoas em torno do que é conhecer. Dito de outro modo, no caso particular dos profissionais da informação, conscientes de seu papel social como mediadores da informação, é imperativo que eles nos promovam suporte enquanto sujeitos da informação, usuários, pessoas, mídia a para uma melhor compreensão da vida e das suas relações neste novo mundo das tecnologias de rede.

A partir da interpretação da realidade por si só, deixaremos de aceitar sem questionar ideias vagas e superficiais, impostas pelos sistemas educacionais, econômicos e sociais, e estaremos preparados ou motivados para interpretar a realidade por nós mesmos. Nessa situação, Almeida Júnior (2015, p. 11) também afirma que “Nós o conhecemos pelos olhos dos outros; nós o conhecemos mediado pelos olhos dos outros”. Essa precisamente é a questão que levanta a necessidade de que o homem seja capaz de estudar, compreender e interpretar as realidades de seu entorno por meio de um olhar mais aprimorado, fazendo relações com a certeza e não de ilusões.

Seguidamente, no segundo capítulo, intitulado “Os princípios do conhecimento pertinente”, o autor faz um convite aos educadores que também cabe aos profissionais da Ciência da Informação para desenvolver e praticar aptidões que façam do conhecimento uma opção consciente, a partir da qual se exerça a compreensão das necessidades humanas, assim como “o ato do cuidar do outro”, mediante a proteção e a preservação do meio ambiente e assim das suas relações familiares, profissionais, sociais e cidadãs, fomentando a capacidade de identificar objetos, sujeitos e ações para aprender sobre eles e seu lugar na natureza, inclusive no sistema das coisas. Sobre o contexto sociocultural e sua interferência nos processos

de produção, apropriação e compartilhamento do conhecimento, Sousa, Santos e Oliveira (2022, p. 355) afirmam que:

O contexto social desperto no sujeito um sentimento de pertença que pode ser acionado a partir da produção de sentido sobre os diversos dispositivos que constroem e implicam uma leitura que o sujeito pode fazer de si mesmo. As práticas socioculturais desenvolvidas no meio são determinantes para a constituição dos sujeitos e sua visão sobre si mesmo e sobre o mundo.

Além disso, o autor sublinha a importância de que a informação seja compreendida como parte de um sistema de inter-relações que lhe confere um sentimento de pertencimento ao todo, mas que, ao mesmo tempo, revela a profundidade e a razão das partes.

Por sua vez, no terceiro capítulo “Ensinar a condição humana” apresenta-se uma reflexão sobre a composição do homem em sua dimensão total: “O ser humano é ao mesmo tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social e histórico”, expressa Morin (2022, p. 15), observando que, em toda essa composição do homem, o conhecimento se dispersa na educação através das disciplinas, impedindo uma verdadeira unidade capaz de reunir e organizar conhecimentos dispersos das diversas ciências. Cabe destacar que na união entre a unidade e a diversidade de tudo se traduz a condição humana.

Dessa maneira, Gomes (2017), tomando Arendt (2007) como referência, explica que a verdadeira existência como vida na ação, que exige o espaço crítico e criativo, só é alcançada na interação com outros, na interação social. Gomes assinala, ainda, que na busca pela verdade, a reflexão em torno dela é essencial à vida ativa, quando labor, trabalho e ação se articulam. Destaca-se que o labor, o trabalho e a ação compõem as três condições necessárias para a existência humana.

Por outro lado, ao longo da explanação do quarto saber “Ensinar a identidade terrena”, Morin (2000, p. 64-65) fala da necessidade de um

pensamento policêntrico, quer dizer consciente da unidade-diversidade da condição humana. Um pensamento nutrido pelas culturas humanas, seus limites individuais desde o entendimento, compreensão e prática do respeito como fundamento para aprofundar seus laços. Nesse sentido, conforme defende Cuche (1999), ao afirmar que:

Na medida em que a identidade resulta de uma construção social, ela faz parte da complexidade do social. Querer reduzir cada identidade cultural a uma definição simples, ‘pura’, seria não levar em conta a heterogeneidade de todo grupo social. Nenhum grupo, nenhum indivíduo está fechado a priori em uma identidade unidimensional (Cuche, 1999, p. 192).

Essa proposta responde à necessidade de o homem conhecer seu lugar no universo e compreender sua realidade como resultado de interpretar e internalizar a condição do mundo em plena era planetária, caracterizada pela globalização.

No quinto apartado, intitulado “Enfrentando a incerteza”, Morin (2000, p. 84) apela ao sistema educativo e seus componentes para pensar e aplicar estratégias alternativas, voltadas à compreensão da realidade, desde as incertezas que surgem com frequência alterando cenários conhecidos e produzindo acontecimentos inesperados, que precisam ser enfrentados com aptidões de protagonismo social, caracterizados pela resistência e luta pelo bem comum e não pelos interesses individuais, em procura de transformar estruturas e paradigmas.

Seguindo o mesmo raciocínio, López Caldera (2021, p.40) afirma que, na prática da mediação consciente, o profissional da informação corresponde a ações próprias de um protagonista social. Resgata que esse profissional precisa ter competências além da plena consciência sobre a importância da multirreferencialidade na sua atuação, como elemento facilitador na interpretação e compreensão dos contextos em que os sujeitos informacionais-usuários precisam dar resposta a suas interrogações e ter atendidas as necessidades de informação, para poder desconstruir-reestru-

turar-ressignificar seus pensamentos, agir como agentes ativos, dispostos e preparados a aplicar estratégias e dispositivos que facilitem a apropriação de informações.

Por outra parte, o capítulo “Ensinar a compreender” tem como premissa elevar a ética e moral nas relações humanas. Nessa tarefa, o diálogo novamente é um grande aliado, assim como o ato de conhecer por meio de nossos sentidos, ou em outras palavras “é preciso sentir para compreender”, como preconiza Rodríguez (1999).

Sobre a dimensão dialógica da mediação da informação Gomes (2014, 2020) afirma que o diálogo é a base da mediação, pois permeia o desenvolvimento das ações nas outras dimensões. Caso contrário, não havendo diálogo, não ocorre mediação e sim manipulação e/ou imposição. No diálogo, o mediador tenta se situar no lugar do outro, procurando entender seu contexto e, em consequência, ter maior clareza das necessidades e interesses do sujeito envolvido na ação mediadora.

Defende-se que, ao reconhecer, respeitar e validar as interações, manifestações, interpelações e expressões de todos os envolvidos, o mediador assegura o respeito à alteridade, fazendo com que a mediação da informação se caracterize como uma “ação que se realiza com o outro e não para ou sobre o outro” (Gomes, 2020, p. 11). É apropriado resgatar que o fato de ensinar a compreender mensagens, discursos, paradigmas e padrões tem a potência de eliminar o egoísmo dos homens com a mediação da informação visando lutas e projetos coletivos, superando, assim, os obstáculos inerentes à condição de imperfeição do homem.

Finalmente, “A ética do gênero humano” é o sétimo princípio proposto por Morin (2000, p.105) como necessário para a educação do futuro. De certo modo, esse princípio sintetiza os primeiros seis, sendo que para alcançar a ética proposta, a educação deve levar a um processo constante de interação e comunicação entre o indivíduo – sociedade – e a espécie – como uma realidade necessária para todos os seres humanos.

Nesse âmbito, considera-se inegável como o trabalho do profissional da Ciência da Informação tem potência para alcançar o respeito à dignidade

de todos os seres humanos, por meio de ações que garantam os princípios de igualdade e equidade no acesso, apropriação da informação, no aproveitamento das ferramentas e das oportunidades que as estruturas educativas podem proporcionar. Todo esse trabalho de mediar a informação passa por um equilíbrio entre o cuidado da confidencialidade, o direito à liberdade de expressão e o acesso livre à informação. Tais princípios estão contemplados na Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem (1948) e precisam ser afrontados com ética profissional e humanidade.

Assim, os profissionais da área, como mediadores da informação, ao facilitar o contato com informações instigantes, importantes ou relevantes para quem as procura ou precisa, podem ter as possibilidades de participar no exercício problematizador que conduz à conscientização e posterior apropriação da informação dos sujeitos sociais, que posterior a um exercício consciente do seu papel no mundo, têm possibilidades de pensar e agir a favor de lutas coletivas.

Em vista disso, a chamada biblioteconomia crítica reconhece a importância do entendimento, a defesa e a proteção dos direitos humanos nas práticas cotidianas dos profissionais da informação. Essa área do conhecimento, diariamente, precisa atender às necessidades dos agentes sociais vinculadas ao saber, compreender, dialogar e comunicar expectativas, demandas, ideias, necessidades e propostas para resolver situações particulares ou coletivas.

Essas colocações vêm ao encontro da proposta de Freire (1970), quando diz que a existência humana, entanto humana, não pode ser muda, silenciosa, nem se nutrir de falsas palavras, e sim de palavras verdadeiras, com as quais os homens e as mulheres transformarão o mundo.

Essa concepção humana de viver em uma comunidade planetária onde se faz parte do todo, e o comportamento ou ações de cada um impactam o coletivo como indivíduos que conformam uma comunidade, resulta importante compartilhar visão e atitude democrática e aberta ao respeito da dignidade e liberdade de expressão de todos, na qual não só o terrestre

é importante como influência sobre o homem, mas também o universo como uma potencialidade complexa e incerta de novos cenários humanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção de uma educação fundamentada no pensamento complexo passa indiscutivelmente pelos fundamentos da educação em direitos humanos. Contempla-se como cenários em que a atuação do profissional da Ciência da Informação tem um papel social importante, como mediador da informação que procura proporcionar aos cidadãos um conjunto de ferramentas, dispositivos, fontes e ações educativas em procura de alcançar a apropriação de informações para o conhecimento.

Assim como na execução de estratégias que façam possível a compreensão e a aplicação de mecanismos para a proteção e a defesa desses direitos. Além disso, ressalta com grande atenção o desenvolvimento de aptidões, juntamente com a prática de competências e ações necessárias que profissionais-sociedades-usuários possam compreender, se apropriar, promover, aplicar e defender os direitos humanos no dia a dia.

A proposta epistemológica da complexidade coloca em questão os ideais de conhecimentos típicos da racionalidade clássica surgida à luz da modernidade, que divide a realidade em parcelas a serem posteriormente abordadas por diversas disciplinas científicas que tentaram desvendar os enigmas do mundo. Assim, neste estudo procurou-se apresentar o papel social preponderante dos educadores, especialmente dos profissionais da informação, à luz dos postulados apresentados por Edgar Morin na sua obra “os sete saberes necessários para a educação do futuro”.

Nessa perspectiva, foram sintetizadas uma série de aptidões e atitudes consideradas pertinentes na atuação do profissional da informação, e seguem:

- Favorecer a inter e transdisciplinaridade;
- Focar no ser humano, em relação ao seu contexto sociocultural e histórico;

- Fomentar aptidões e valores de solidariedade, independência, dignidade, liberdade e bem comum, cuidando da convivência com o respeito pelos direitos à vida, à saúde, à educação, à igualdade social e à justiça, deixando do lado a discriminação pela raça, cor, nacionalidade, religião ou condições econômicas;
- Contemplar o desenvolvimento integral do ser humano, para viver em sociedade, praticando a crítica reflexiva e construtiva, além da criatividade e solidariedade, sem egoísmo e em prol do bem comum;
- Criar consciência sobre a importância de viver em harmonia com o meio-ambiente, procurando o desenvolvimento endógeno e sustentável da sociedade;
- Promover os direitos humanos e práticas da cultura de paz que respeitem a diversidade cultural;
- Defender e oportunizar a participação pelos valores democráticos da igualdade de direitos, deveres e oportunidades;
- Recuperar e resguardar a memória histórica como plano de fortalecimento e apropriação da identidade nacional e cultural.

Tais recomendações no fazer diário dos Profissionais da Ciência da Informação podem transcender ao ensino magistral ou expositivo, transformando-o para elaboração coletiva e considerando o contexto histórico e cultural. Ademais, deve-se desvincular processos de construção de conhecimento individualista e fragmentado, o que implica uma mudança de atitude, mentalidade e estrutura de pensamento que contribua para o desenvolvimento de um novo ser humano com capacidade e consciência para enfrentar a complexidade deste mundo mutável e intercultural.

Para isso, defende-se a ideia de que os educadores e profissionais da informação precisam oferecer ferramentas e aplicar estratégias que apoiem o aprendizado - aprender a criar, aprender a conviver, aprender a participar, aprender a valorizar e respeitar, aprender a refletir, aprender a cuidar,

aprender a transformar. O que se revela é estar presente diante de um processo construtivo de um novo conhecimento. Um conhecimento que tem como fundamento o sujeito, ou melhor, a vida do sujeito, ou seja, um conhecimento construído a partir de uma perspectiva ética.

Assim sendo, a atuação dos profissionais da informação tem o desafio de acabar com a estrutura rígida do modelo educacional tradicional, de disciplinas separadas e promover o conhecimento holístico, a troca de experiências e uma visão complexa da realidade, que permita a todos os envolvidos no processo educativo avaliar alternativas de aprendizagem.

Essa nova proposta pedagógica requer uma atitude de abertura por parte de todos os protagonistas da educação, assumindo uma nova perspectiva epistemológica próxima da proposta de Freire. Isso implica em entender e defender a educação como instrumento de libertação individual e coletiva, que contribui para a formação no povo, de uma consciência de sujeito protagonista, fazedor de sua própria história, com força e capacidade de transformar sua própria realidade social, econômica e política.

Assim, a educação implica uma mudança de consciência, como condição para passar da imersão passiva na sociedade à capacidade de ação e luta pela sua transformação. Essa tomada de consciência é uma apropriação crítica da situação a partir de sua perspectiva histórica e política. A conscientização leva a um encontro de sujeitos, que se reconhecem em suas diversidades como seres concretos, diante da urgente necessidade universal de preservar suas vidas e a das gerações futuras.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A dos.; SILVA, R. J. da (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. p. 9-32.
- ARENDT, H. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

- COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS - CIDH. Organização dos Estados Americanos - OEA. **Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem**. 1948. Disponível em: https://www.cidh.oas.org/basicos/portugues/b.declaracao_americana.htm. Acesso em: 22 jun. 2023.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.
- FREIRE, P. **Pedagogía del oprimido**. Montevideo: Editorial Tierra Nueva, 1970.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- GOMES, H. F. Mediação da informação e protagonismo social: relações com vida ativa e ação comunicativa à luz de Hannah Arendt e Jürgen Habermas. In: GOMES, H. F.; NOVO, H. F. (org.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 27-44.
- GOMES, H. F. Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da Ciência da Informação em favor do protagonismo social. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 30, n. 4, p. 01-23, out./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/57047/32516>. Acesso em: 18 jun. 2023.
- GOMES, H. F. A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 46-59, maio/ago. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19994>. Acesso em: 22 jun. 2023.
- LÓPEZ CALDEIRA, O. M. J. **Mediação da informação na defesa dos direitos humanos e no desenvolvimento do protagonismo social**: um estudo do caso do Observatório Venezolano de Conflictividad Social (OVCS). 2021. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/35054/1/>. Acesso em: 14 jul. 2023.
- MORIN, E. **A beira do abismo**. Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, março 2022.
- MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: repensar a reformar o pensamento. 5.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- MORIN, E. **El Método, La naturaleza de la naturaleza**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1999.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 5. ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

RODRÍGUEZ, S. **Obras completas**. Caracas: Presidencia de la República de Venezuela, 1999. tomos I-II.

SANTOS, R. R.; SOUSA, A. C. M. Arquivo, biblioteca e museu como dispositivos de mediação da informação e de reconhecimento dos traços identitários e memorialísticos dos usuários. *In*: SILVA, A. S.; MARTENDAL, F. F. (org.). **A perspectiva social nos estudos de usuários em arquivos, bibliotecas e museus**: teoria e prática. Florianópolis: Rocha, 2021.

SOUSA, A. C. M.; SANTOS, R. R.; OLIVEIRA, B. M. J. F. Traços identitários e memorialísticos materializados na fotografia de Ivo Tavares da periferia de Salvador, Bahia. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 28, n. 1, p. 353-379, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245281.353-379>. Acesso: 05 jul. 2023.